

## **JORNAL A SIRENE: mobilização e rememoração das ocorrências como dispositivo de comunicação**

### **\*CLAUDIANE APARECIDA DE SOUSA**

Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Minas Gerais e graduada em Direito pela Universidade Presidente Antônio Carlos. Pós-graduada em Direito público. Mestre em Gestão Integrada do Território pela Universidade Vale do Rio Doce. Atualmente é Assessora Acadêmica da Faculdade de Direito de Ipatinga e professora titular das cadeiras Direito Civil, Prática Forense e Introdução ao Estudo do Direito na Faculdade de Direito de Ipatinga. É professora da pós-graduação lato-sensu na Faculdade de Direito do Vale do Rio Doce.

### **RESUMO**

Criado por uma das ações do coletivo #UmMinutoDeSirene, o Jornal A Sirene – Para não esquecer, tem como missão instituir um periódico feito pelos atingidos e para os atingidos. O jornal se organiza como um meio de comunicação para levar informações, reflexões e questionamentos sobre a queda da barragem de Fundão da Samarco/Vale/BHP no município de Mariana/MG. Este artigo tem como objetivo fazer uma análise sobre essa mídia, como ela atua e produz significados. Ficou demonstrado que as narrativas tratadas em cada edição permitem uma maior compreensão da relação do homem com o tempo, das diversas maneiras de falar do passado e a mobilização dos colaboradores em trazer informações sobre futuras atividades e eventos de interesse de todos os atingidos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornal. Comunicação. Rememoração.

### **1 INTRODUÇÃO**

O Brasil tem uma das maiores capacidades minerárias do mundo, uma especialidade que se deve a sua variada constituição geológica e suas dimensões continentais. As reservas minerais do país passaram a ser exploradas a partir da colonização. Tal fato se deu para que fossem atendidas as exigências econômicas mundiais. Sabe-se que a exploração deixa uma herança maléfica no passivo ambiental, vez que as atividades de mineração transformam a área explorada e originam impactos em outras áreas que são indicadas para os celeiros de estéril e a acomodação de rejeitos procedentes do processo produtivo (FEAM, 2016).

Assim, para contextualizar a discussão levantada por esse artigo, sua problemática insere-se no acontecimento da tarde do dia 5 de novembro de 2015, tarde de uma quinta-feira, mais ou menos às 16 horas e 30 minutos, tratou-se do rompimento da barragem do Fundão, localizada no município de Mariana (MG), responsável pelo lançamento de 34 milhões de m<sup>3</sup> de lama no meio ambiente, fruto da produção de minério de ferro extraído pela mineradora Samarco, empresa

controlada pelas transnacionais Vale e BHP Billiton. Com poucos detalhes sobre o ocorrido, números eram noticiados repetidamente, numa busca pela atualização e sistematização das informações reais. O que se evidenciou a partir da data supramencionada foi à mídia voltada às terras mineiras, sempre com o foco no inimaginável, na força desoladora de um acontecimento impressionante (ANA, 2016).

Nomeado como o maior crime<sup>1</sup> socioambiental do país, também fez um povoado inteiro desaparecer; várias vítimas fatais e deixou mais de 600 famílias desabrigadas, representadas por trabalhadores da Samarco e de terceirizadas, agricultores familiares e camponeses, pescadores artesanais, faiscadores, comunidades tradicionais, os índios Krenak, trabalhadores e artesãos submergidos com o turismo regional, dentre outros. Porém, a perda não pode ser sintetizada somente em danos materiais, vez que esses cidadãos perderam também seus vínculos culturais, sua noção de vizinhança, a identidade – isto é, o pertencimento a uma história (simbólico), a um ambiente que moldou sua forma de viver, juntamente com as recordações acumuladas no decorrer de suas vidas. Assim, subtraídos em sua autonomia, convivem sob uma consternação social atribuída pela vinculação em relação à Samarco e a Fundação Renova. (FIOCRUZ, 2016).

Posteriormente ao acontecimento<sup>2</sup> têm surgido publicações referentes ao derramamento de lama ocasionado pela Samarco. No sentido de cooperar para um mapeamento da produção atinente aos atingidos pelo rompimento da barragem de

---

<sup>1</sup>Nas palavras de (GRECO, 2017) O crime pode ser conceituado levando em conta os aspectos material, legal ou analítico. **Aspecto material:** Crime é toda ação ou omissão humana que lesa ou expõe a perigo de lesão bens jurídicos penalmente tutelado. Considera-se a relevância do mal produzido. **Aspecto legal:** O conceito de crime é fornecido pelo legislador, no art. 1º da Lei de Introdução do Código Penal: *Art. 1º - Considera-se crime a infração penal a que a lei comina pena de reclusão ou de detenção, quer isoladamente, quer alternativa ou cumulativamente com a pena de multa; contravenção, a infração penal a que a lei comina, isoladamente, pena de prisão simples ou de multa, ou ambas, alternativa ou cumulativamente.* **Aspecto analítico:** Funda-se nos elementos que compõem a estrutura do crime. Existe a teoria tripartida (crime é o fato típico, ilícito e culpável) e a bipartida (crime é o fato típico e ilícito).

<sup>2</sup>Ensina Quéré: “O verdadeiro acontecimento não é unicamente da ordem do que ocorre, do que se passa ou se produz, mas também do que acontece a alguém. Se ele acontece a alguém, isso quer dizer que é suportado por alguém. Feliz ou infelizmente. Quer dizer que ele afecta alguém, de uma maneira ou de outra, e que suscita reacções e respostas mais ou menos apropriadas”. (QUÉRÉ, 2005, p. 61). Em outro texto o mesmo autor pontua que o acontecimento “dura o tempo que dura a atualização de seu potencial de criação de intrigas, de revelação de possíveis ou de modificação de situações, assim como de afetação [...] daqueles a quem ele acontece”. (QUÉRÉ, 2000, p.11).

Fundão e suas percepções em conexão à mineração, exponho nesse artigo uma pesquisa sobre as matérias produzidas pelo jornal A Sirene: para não esquecer.

Com características distintas dos tradicionais veículos de comunicação, *A Sirene* tem uma perspectiva de pauta muito distante da mídia convencional – tradicional, olham através dos olhos de quem está enredado na questão. A partir da situação dos atores que compõem o discurso do jornal, faz-se necessário ressaltar como o contexto exerce um papel enorme no processo de produção de sentidos. Tal conjunção é permeada por conceitos, valores e crenças que operam transversalmente na produção de um discurso que traz, além da fala do enunciador, a de outros.

## **2 METODOLOGIA**

Para este texto, adotou-se como estratégia a coleta de dados e recorreu-se a pesquisa documental. Como o Jornal A Sirene existe na versão impressa e digital, optou-se pela segunda categoria. Assim, todos os exemplares – fevereiro de 2016, edição 0 a julho de 2018, edição 28 - foram baixados na versão PDF, e, posteriormente, o conteúdo das edições foi analisado de capa a capa, desde o editorial, projeto gráfico, fotografias, textos, títulos, entre outros, até se chegar a organização de quatro categorias temáticas – imagem, rememoração e mobilização - que explicitam a importância, solidez e temporalidade das falas apresentadas no jornal.

## **3 A SIRENE – PARA NÃO ESQUECER**

Difundido com o objetivo de dar voz aos atingidos do rompimento da barragem, o jornal impresso, com acesso na versão digital, foi criado, em fevereiro de 2016, cujo nome faz alusão à sirene que não tocou no dia 5 de novembro. O projeto teve como principais apoiadores o Padre Geraldo Martins, Pároco da região devastada; os coletivos “Um Minuto de Sirene”, Fotógrafos de Ouro Preto e Nitro imagens. A esse grupo fundador uniram-se professores e alunos do Curso de Jornalismo, do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas (ICSA), da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). (BRITTES, 2016).

A partir da reverberação da edição número 0 e das outras que continuaram, A Sirene tornou-se um jornal de circulação mensal, com 3.000 exemplares distribuídos gratuitamente todo dia 5 de cada mês. Ele considera as falas dos atingidos e reproduz temas como a postura da mídia na cobertura do acontecimento, a perda de bens materiais e simbólicos, as perspectivas de vida presente e futura, os direitos dos atingidos, agenda de mobilização, as ações da Samarco, entre outros assuntos. O jornal com articulação de interesses diversos, como território múltiplo. Ratifica Braga:

Devemos então distinguir: o que a mídia veicula (que se caracteriza, na verdade, como sistema de produção) e o que, tendo sido veiculado pela mídia, *depois* circula na sociedade. Estamos tratando dessa segunda ordem de processos, a não ser confundida com a primeira. Nesse tipo de circulação que nos interessa é que vamos encontrar o que a sociedade *faz* com sua mídia: é, portanto, *uma resposta*.

É relevante, para percebermos o sistema de interação social sobre a mídia, que a circulação de produtos midiáticos na sociedade não se faz apenas como “escolher a acolher” segundo critérios culturais anteriores, mas gera um *trabalho social dinâmico: respostas*. (BRAGA, 2006, p. 28/29).

É a mídia gerando respostas. Os veículos comunicacionais, não obstante noticiem fatos atuais, arquitetam seus produtos fundados em dados simbólicos que vincula passado e presente, cooperando para a memória simbólica social, incluindo o tempo como elemento de orientação. O uso da memória alcança os atores sociais, permitindo a importância cultural e identitária dos grupos.

#### **4 IMAGEM E INFORMAÇÃO: AS CAPAS DO JORNAL A SIRENE**

As imagens são produzidas minuciosamente, vez que permite um enfoque que deriva de um olhar humanizado para o acontecimento. Assim, a fotografia é usada no jornalismo hoje para reforçar a informação contida no texto da notícia, além de dar confiabilidade ao meio que a publica. Ademais, as fotos desempenham o papel de atrair atenção do leitor. A imagem nos meios de comunicação impressos pode ser elucidada pelo seu valor diante do texto: “a imagem já não ilustra a palavra, é a palavra que parasita a imagem” (Barthes, 2000, p. 308). Para o mesmo autor a comunicação fotográfica, interpela a fotografia de imprensa como uma mensagem primeiramente sem código, denotativa, mas que, se bem avaliada, indica todo seu potencial de significação. (BARTHES, 2000).

Ato contínuo é o que se denota nas capas das imagens do jornal A Sirene. Contudo, sem perder de vista que tal mídia trabalha com um ângulo de pauta muito diferente dos meios de comunicação tradicionais. A fotografia é diferente, praticamente construída. Geralmente, elas evidenciam detalhes que simbolizam particularidades de cada edição. Em meio a uma edição e outra, a imagem histórica várias compreensões e, nessa lógica, captura uma visão bem especial para tudo aquilo que a edição almeja enfatizar. Observe as fotografias publicadas desde a edição 0 - fevereiro de 2016 até a edição de julho de 2018:



Julho, 2018



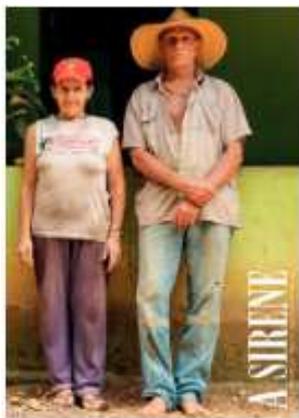
Junho, 2018



Maio, 2018



Abril, 2018



Março, 2018



Fevereiro, 2018



Janeiro, 2018



Dezembro, 2017



Novembro, 2017



Outubro, 2017



Ed. Especial, 2017



Setembro, 2017



Agosto, 2017



Julho, 2017



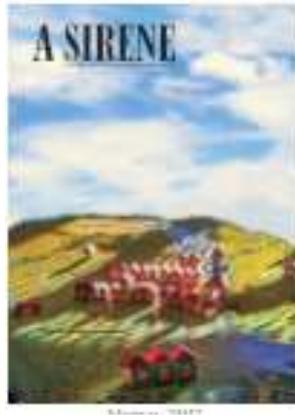
Junho, 2017



Maio, 2017



A SIRENE



A SIRENE



A SIRENE



A SIRENE

Janerio, 2017



A SIRENE

Dezembro, 2016



A SIRENE



A SIRENE

Outubro, 2016



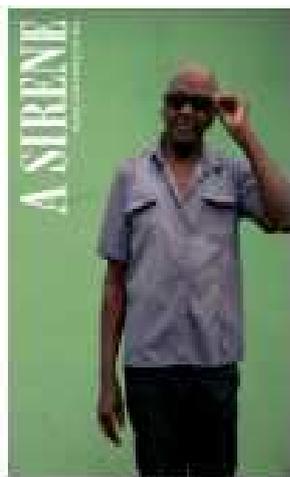
A SIRENE

Setembro, 2016



A SIRENE

Agosto, 2016



A SIRENE

Julho, 2016



A SIRENE

Junho, 2016



A SIRENE

Abril, 2016



Fonte: Jornal A Sirene – ISSU

A fotografia no jornal possivelmente é o componente mais perceptível da inclusão do discurso jornalístico com a temporalidade. Isto posto, vale ressaltar que o jornal teve sua origem a partir de uma articulação com as diversas diacronias hodiernas do mundo social, na apreciação de diferentes autores, e, por sua vez, não se pode perder de vista que a fotografia por significação lida com um tempo. Ela gera uma interrupção do tempo ao congelar num momento a imagem de um elemento indicativo, enquanto código significante. É a ideia da fotografia como documento, como proeminência, algo que preenche uma antecendência do que foi fotografado, seja um objeto, uma pessoa, a natureza ou qualquer outra situação.

Independentemente da trucagem ou de como as fotografias foram obtidas, interessa-nos observar o efeito que a imagem ganha na circulação, pois a mesma só é transformada em símbolo, mesmo que questionada, porque há um espaço de atribuição de valor constituído, onde os laços mais profundos do social são convocados, impedindo, por exemplo, que estes tensionamentos da encenação, bem como novas imagens rompam com as estruturas pré-existentes. Em nossa visada, a imagem carrega uma força totêmica, adquirindo a possibilidade de se configurar no próprio acontecimento, descolando referência imediata. Para investigar essas duas possibilidades mencionadas é importante, antes de tudo, refletir sobre a hipótese da circulação como valor. (ROSA, 2017, p.12).

O jornal impresso enquanto um objeto de fácil acesso utiliza de estratégias para aproximar, conservar e cultivar a atenção do leitor, e, para tanto, recorre à imagem para alcançar tal objetivo, uma vez que possui particularidades capazes de reforçar tal ideia.

## **5 REMEMORAÇÃO E MOBILIZAÇÃO POR MEIO DA COMUNICAÇÃO**

Para assimilar a significação da rememoração e da mobilização tratada no jornal A Sirene, é imperativo compreender que a mídia sempre está atravessada pela extensão cultural, social, política e econômica. Silverstone (2002) afirma que a sociedade é erguida num fluxo permanente e em sua circulação, cada indivíduo se movimenta através de espaços midiáticos, seja na realidade ou até mesmo na imaginação, material e simbólica. “Não podemos escapar à mídia”, afirma. “Ela está presente em todos os aspectos da vida cotidiana” (SILVERSTONE, 2002, p. 9). Nessa perspectiva, o autor supracitado acredita ser imprescindível absorver a forma como a mídia atua, produz significados e gera experiências, e, acima de tudo, como são preparados os significados dos textos midiáticos.

Neste contexto, a edição 0 do jornal, de fevereiro de 2016, circulou 90 (noventa) dias após o crime praticado pela Samarco. O editorial daquele primeiro número trouxe em sua página a vontade e a expectativa de promover a autonomia e a promoção de poder da comunidade por meio da comunicação. Sem olvidar que se tratava de mais um instrumento de apoio para salvaguardar a memória.

As matérias, na sua maioria, retratam comoções e/ou presságios somáticos provocados pela saída abrupta de Bento Rodrigues e demais comunidades, do seio da família, dos amigos e dos vizinhos e pelo anseio extremo de a eles retornarem. As memórias que vão além da materialidade. Rememoram-se o dia 5 de novembro, a dor, as especificidades, os sentimentos e, concomitantemente, abordam o futuro, as pretensões, as inseguranças e, sobretudo, expõem uma obstinação frente às ações da Samarco e do poder público.

Os textos trazidos nas matérias seguem uma linha de rememoração e, de modo simultâneo, de atualização de informações, panoramas e ocorrências a partir de novos elementos que envolvem o acontecimento. Vale ressaltar que espaços com características informativas tornaram-se fixos, como as seções “Agenda”, “A

Gente Explica” e “Direito de Entender”. Em contrapartida, o jornal expõe, em suas páginas, pormenores do dia-a-dia perdido no convívio das comunidades, principalmente no distrito de Bento Rodrigues.

Sempre que possível, vamos pra lá [Bento] tentando resgatar não as coisas materiais, mas as nossas vidas. Combinamos as nossas ações e sempre nos reunimos nos finais de semana. Das casas que a lama desarrumou, já arrumamos duas. Colocamos portas e janelas naquilo que se tornou o nosso refúgio. A festa de São Bento, de Nossa Senhora das Mercês, o Réveillon, o Carnaval, a Semana Santa, a nossa festa junina, são atos que conseguimos realizar e que nos fizeram nos sentir em casa. Lá, extravasamos o sentimento que fica guardado dentro de nós. Temos, desde o início, o intuito de lutar pela manutenção de nossas tradições e pela recuperação de nossas memórias, que, mesmo soterradas pela lama, são nossas. E também queremos mostrar para o mundo o quanto amamos aquele lugar, onde nascemos e passamos a maior parte das nossas vidas, e que não estamos dispostos a abrir mão dele. Estamos apenas resistindo porque essa luta nos fortalece. Juntos, o nosso grupo “Loucos pelo Bento” pretende vencer com a ajuda de Deus, pois a nossa fé é o que nos dá força. Maria Quintão, moradora de Bento Rodrigues e ativista no grupo Loucos pelo Bento. (JORNAL A SIRENE, 2017, p.5).

Os atingidos corporificam, nas narrativas, um apego ao passado em relação às tradicionais festas locais, além do sentimento de perda do espaço, existe igualmente uma vontade de manter as tradições locais vivas.

Existem também textos em edições distintas que tratam especificamente de informações sobre obras atuais e as ações judiciais, principalmente processos de reparação (indenização) da Samarco, promovidos pela Fundação Renova<sup>3</sup>, cujo objetivo é municiar os atingidos de conhecimento ou até mesmo esclarecimento sobre o desenrolar dos fatos.

Por conseguinte, não há como não dar destaque ao editorial da edição do nº 22, que por sua vez aponta o descontentamento dos atingidos com relação às ações da Samarco e com o trabalho da Fundação Renova uma dúvida que atravessa o cotidiano por meio de um futuro incerto.

---

<sup>3</sup>A Fundação Renova é uma organização não governamental privada e sem fins lucrativos. Foi criada em março de 2016 por um Termo de Transação e de Ajustamento de Conduta (TTAC) para reparar os danos causados pelo rompimento da barragem de Fundão. O TTAC que criou a Renova foi assinado pela Samarco e suas controladoras, Vale e BHP Billiton, com os governos federal e dos estados de Minas Gerais e do Espírito Santo, o Ibama, o Instituto Chico Mendes, a Agência Nacional de Águas, o Instituto Estadual de Florestas, a Funai, as Secretarias de Meio Ambiente, o Instituto Mineiro de Gestão das Águas (IGAM), a Fundação Estadual de Meio Ambiente (FEAM), o Instituto Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (IEMA), o Instituto de Defesa Agropecuária e Florestal do Espírito Santo (IDAF) e a Agência Estadual de Recursos Hídricos (AGERH).

Começamos 2018 em estado de vigilância, confiança e disposição para acompanharmos ativamente os processos de reparação nos quais estamos envolvidos. Sabemos que não é fácil virar mais um ano com a vida em estado de incerteza, mas o caminho da luta nos ensina a importância da persistência. Somente assim não nos permitiremos cair no esquecimento e no descaso com os quais as mineradoras querem tratar um crime do qual somos vítimas diárias. Por isso, gritamos a cada direito violado. Foi o que, em Mariana, fizemos na última reunião de 2017. Ali, dizemos às empresas, ao Ministério Público e a nós mesmos: estamos cansados, mas juntos e articulados! Deixamos clara a importância da Ação Civil Pública do município e reafirmamos que não possuímos relação de confiança com a Fundação Renova - e assim continuaremos, enquanto as ações dessa entidade seguirem orientadas pelos interesses das mineradoras. (JORNAL A SIRENE, 2018, p.16).

Nesse editorial fica claro que apesar da preocupação do jornal em informar em edições anteriores sobre as ações da empresa causadora do crime e sobre a Organização não governamental que é responsável por cuidar dos direitos dos atingidos, também está inserida na rememoração, ou seja, embaralhado nas memórias que permanecem nas narrativas do jornal como um artifício de conscientização que deve ser apreendido como um objetivo a ser obtido.

Por derradeiro, a frase “para não esquecer”, que segue o nome do jornal, concretiza-se como configuração de obstinação, que surge de um pedido de não amnésia. É notória a interferência do assunto – queda da barragem, na produção de sentidos do jornal e o valor da memória não somente como intensificação das notícias, mas como discurso da rememoração das ocorrências, ou seja, não obstante um jornal que nasce da crise da queda da barragem, mas que há uma articulação de interesses de discursos variados. É o jornal como o lugar do sujeito, do leitor da realidade, um lugar polifônico.

Dessa forma, se apenas pensar midiaticamente sobre o crime ocasionado pelo rompimento da barragem, houve um esquecimento ao acontecimento em detrimento da eclosão que foi. Há um apagamento, mas, sincronicamente recorda-se - o aniversário, questões jurídicas etc – trata-se da perlaboração<sup>4</sup> – além de

---

<sup>4</sup>Está intimamente ligada à memorização e à repetição (compulsão à repetição).A perlaboração é um trabalho psíquico de elaboração de um acontecimento, uma ação, um traço, uma característica ou uma repetição. Como é uma repetição, contudo modificada pela interpretação é suscetível de favorecer a libertação de um indivíduo dos seus mecanismos de repetição. Segundo Sigmund Freud (1996, 2014) a perlaboração apresenta determinadas características:

1. Persiste sob a resistência;
2. É natural à interpretação por parte do crítico sobre a resistência e parece não causar efeito;
3. Um momento de estagnação pode aparentar a falta de perlaborações;
4. Consente passar da recusa ou da acessão intelectual para uma experiência das pulsões reprimidas que alimentavam a resistência;

rememorar eu elaboro esse acontecimento novamente, então o jornal mantém esse acontecimento re(ocorrendo), só que por outros pontos de vistas, outros discursos, outras entradas, já não é mais aquele acontecimento, é outro. Esse acontecimento de hoje tem várias forças em jogo, inclusive dos atingidos.

Enquanto a mobilização<sup>5</sup> sempre se faz presente em seções como “Agenda” e “Pelo Direito de Entender”. Trazem pautas sobre futuras atividades, eventos, reuniões com as comissões de atingidos nas comunidades atingidas pelo crime, reuniões de negociação com a Samarco, Fundação Renova e outras autoridades, audiências públicas etc.

De tal modo, que a “Agenda” procura constituir uma comunicação entre os atingidos. Já o “Pelo Direito de Entender” dedica-se a elucidar assuntos relacionados ao direito e a cidadania comunicativa e o papel de alguns órgãos que fazem parte do poder judiciário, como o Ministério Público. Apoiava essa iniciativa Paulo Freire que diz que “só se aprende de verdade quando a pessoa se apropria do aprendido, transformando-o em apreendido, podendo aplicar o aprendido-apreendido em situações existências concretas”.(FREIRE, 2013, p. 29). De mais a mais, a afirmação do autor supramencionado não é sobreposta ao conteúdo escolar, mas à mídia, vez que, mormente, as informações repassadas por ela referem-se aos órgãos públicos como se todos compreendessem suas funções.

## **6 NOTAS CONCLUSIVAS**

O discurso tratado no jornal A Sirene é polifônico, embora cada reportagem tenha uma assinatura e uma autoria. Há vozes dos atingidos, da Samarco, da Fundação Renova, do Ministério Público, da população de Mariana, dentre outras. O jornal apesar de ser feito pelos atingidos e para os atingidos, mas conversa com a sociedade num todo, pois por meio de seus textos deixam claro que estão atentos, alertos, vivos e buscam por justiça e por cidadania comunicativa.

Outro fator preponderante para eles é a importância de um meio de comunicação social livre, alternativo. Em que as notícias possam ser produzidas por quem comumente têm pouco ou nenhum espaço na mídia tradicional. Todavia, esse

---

<sup>5</sup>Pôr (-se) em movimento. Pôr (-se) em ação ou em uso. Incitar (-se) à participação. Convocar para o serviço militar. Colocar (valor comercial) em circulação. Transformar em bem móvel. Disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com/mobilizar>. Acesso em 12 ago. 2018.

exercício de comunicação alternativa/popular/comunitária, enfrenta o desafio de ponderar, sem anular, os desacordos políticos que surgem entre os próprios atingidos, que às vezes mostram opiniões diferentes sobre os seus problemas, mesmo que de modo minoritário, sobre a legitimidade do próprio Jornal, como “voz” que os constitui. Também não se pode perder de vista o controle saudável das contradições próprias ao método de mediação preenchido pelos grupos de apoio, compostos por um conjunto heterogêneo de sujeitos e sujeitas, correspondente às suas identidades pessoais e culturais sobre as maneiras de agir e de dizer politicamente. De mais a mais o jornal prossegue em plena produção, suas edições são distribuídas à sociedade no quinto dia de cada mês, em referência à data de rompimento da barragem.

## REFERÊNCIAS

ANA, Agência Nacional de Águas. **Encarte Especial Sobre a Bacia do Rio Doce - Rompimento da Barragem em Mariana MG.** (Superintendência de Planejamento de Recursos Hídricos - SPR/Ministério de Meio Ambiente, Brasília DF, 2016). Disponível em: [http://www2.ana.gov.br/Paginas/imprensa/noticia.aspx?id\\_noticia=12964](http://www2.ana.gov.br/Paginas/imprensa/noticia.aspx?id_noticia=12964) Acesso em 05 jun. 2018.

A SIRENE: para não esquecer. Disponível em: [https://issuu.com/jornalasilrene/docs/asirene\\_ed9\\_novembro\\_issu](https://issuu.com/jornalasilrene/docs/asirene_ed9_novembro_issu) Acesso em 19 de novembro de 2017.

A SIRENE: para não esquecer. Ed. 0. Mariana, MG, Fev. 2016.

A SIRENE: para não esquecer. Ed. 16. Mariana, MG, Jul. 2017.

A SIRENE: para não esquecer. Ed. 22. Mariana, MG, Jan. 2018.

BARTHES, Roland. 2000. **A mensagem fotográfica.** In: L. COSTA.

BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta sua mídia.** São Paulo: Paulus, 2006. P. 21-44.

BRASIL, Portal (2015). **Entenda o acidente de Mariana e suas consequências para o meio ambiente.** Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/meioambiente/2015/12/entenda-o-acidente-de-mariana-e-suas-consequencias-para-o-meioambiente>. Acesso em 10 jun. 2018.

BRITTES, Juçara. **A Sirene e o Direito à Comunicação dos Atingidos pela Lama.** In XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo: Intercom

2016. Disponível em <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2158-1.pdf>. Acesso em 21 jun. 2018.

DEPARTAMENTO NACIONAL DE PRODUÇÃO MINERAL, **Ministério de Minas e Energia; Classificação de Barragens de Mineração**; Data-Base – dez.2016, publicado em 15 dez. 2016. Disponível em: <http://www.dnrm.gov.br/assuntos/barragens/plano-de-seguranca-debarragens> Acesso em 02 mar. 2018.

FIOCRUZ, (2016). **Fiocruz e outras entidades divulgam manifesto em apoio às vítimas da tragédia provocada pela Samarco**. Disponível em <http://www.cpqrr.fiocruz.br/pg/blog/fiocruz-e-mais-20-entidades-divulgammanifesto-em-apoio-as-vitimas-da-tragedia-provocada-pela-samarco/> Acesso em 10 mar. 2018.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?**. 16ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREUD, Sigmund. **Conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917)**. Obras completas, volume 13. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, Sigmund. **Recordar, Repetir e Elaborar (Novas Recomendações Sobre a Técnica da Psicanálise II)**. In. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FUNDAÇÃO ESTADUAL DO MEIO AMBIENTE (FEAM) – **Inventário de Barragem do Estado de Minas Gerais** – Belo Horizonte, 2016, disponível em [http://www.feam.br/images/stories/2016/RESIDUOS\\_MINERA%C3%87%C3%83O/Invent%C3%A1rio\\_de\\_Barragens\\_2015\\_Final\\_V01.pdf](http://www.feam.br/images/stories/2016/RESIDUOS_MINERA%C3%87%C3%83O/Invent%C3%A1rio_de_Barragens_2015_Final_V01.pdf) Acesso em: 15 fev. 2018.

O TEMPO. **Minas Gerais vira ‘refém’ da mineração em relação perigosa**. Disponível em <http://www.otempo.com.br/cidades/minas-gerais-vira-ref%C3%A9m-daminera%C3%A7%C3%A3o-em-rela%C3%A7%C3%A3o-perigosa-1.1185431> Acesso em 14 mar. 2018.

QUÉRÉ, Louis. 2000. **L’individualisation des événements dans le cadre de l’expérience publique**. In: P. Bourdonet al (org.). *Processus dusens*. Paris, L’Harmattan : 1-23.

QUÉRÉ, Louis. 2005. **Entre o facto e o sentido: a dualidade do acontecimento**. Revista Trajectos, n. 6: 59-75.

ROSA, Ana Paula da. **Tensões entre o registro e a encenação: a imagem de Aylan Kurdi e sua constituição em totem**. In: Revista Observatório, v. 3, n.1. Palmas (TO), jan/mar. 2017 (p. 327-351).

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2002. p.11-31.